

10. Encaminhar-se para o cumprimento do eu

Cristo "nos conduza todos juntos à vida eterna", escreve São Bento no auge da Regra (RB 72,12).

Quem segue Cristo, é conduzido por Ele para vida eterna, que não é apenas vida após a morte, mas a plenitude de vida em Cristo, que podemos pregar já nesta vida terrena. Também aqui, São Bento está nos falando de um "caminho sinodal". Seguir Cristo é o caminho sinodal por excelência, que não podemos fazer sozinhos, isto é, sem Ele e sem a companhia eclesial de pessoas que o Senhor coloca ao nosso lado.

É evidente desde o início, que toda a abnegação que a Regra nos pede para seguirmos Cristo não é para uma anulação do eu, mas para a sua realização. O nosso eu não é realizado em si mesmo, não é feito para se auto realizar: é feito para ser cumprido no Filho de Deus que nos conduz ao Pai.

É assim que devemos então ouvir as palavras de São Bento que citamos: "Abnegar-se para seguir a Cristo" (RB 4,10), é assim que nos foi pedido a entender e iniciar o nosso seguimento de Cristo. Já no capítulo 4 sobre os instrumentos das boas obras, a Regra começa a enumerar toda uma série de caminhos e práticas de mortificação e caridade que declinam nas várias circunstâncias e ocasiões o nosso abnegar-se para seguir Jesus: "Castigar o corpo. Não abraçar as delícias. Amar o jejum. Reconfortar os pobres. Vestir os nus. Visitar os enfermos. Sepultar os mortos. Socorrer na tribulação. Consolar o que sofre. Fazer-se alheio às coisas do mundo." (RB 4,11-20). Depois, é como se São Bento começasse outra seção dos instrumentos de boas obras que inicia com: "Não preferir nada ao amor de Cristo" (4,21). De fato, lista vários instrumentos que trabalham sobre os nossos sentimentos, virtudes interiores, humildade, etc. Mas o que gostaria de salientar agora é que os instrumentos introduzidos pelo pedido de negar a si próprio para seguir Cristo, após apenas três práticas ascéticas de mortificação do corpo, passam imediatamente as práticas de caridade e misericórdia para com os pobres, tribulados, doentes, aflitos e mortos. Também na continuação da Regra, Bento privilegia a abnegação que visa o amor fraterno, especialmente dos pobres. Porquê isto? Simplesmente porque este é o caminho da vida de Cristo, e se devemos negar a nós mesmos para segui-lo, devemos segui-lo no caminho que Ele percorreu, e o Evangelho é claro em nos mostrar que o caminho de Jesus, mesmo em viver o sacrifício de si, foi acima de tudo um caminho de caridade, de serviço à humanidade necessitada e aflita. Muitas vezes Jesus e os discípulos nem sequer tinham tempo para comer, mas não porque jejuavam ou rezavam, mas porque eram tomados pela necessidade da multidão (cf. Mc 6,30). Não devemos esquecer isto, também nós monges e monjas, e nem os eremitas, porque se esquecemos isto, corremos o risco de seguir caminhos individuais, iludindo-nos de seguir Jesus Cristo. Ao invés, seguimos apenas nós mesmos. Renegar nós mesmos, que nada!

Para seguir Cristo, então, devemos ter a preocupação constante de o seguir realmente, de seguir a sua presença real, de seguir seus passos, a sua vida, e não um

Jesus que imaginamos de acordo com as nossas próprias comodidades e ambições, mesmo as espirituais e ascéticas. Não há maneira pior de procurar os nossos próprios interesses em vez dos de Jesus Cristo, do que nos iludir que os interesses de Cristo coincidam com os nossos, são os nossos interesses que "maquiamos" com algum slogan evangélico, alguma teorização ou intenção piedosa. Tenho certeza que Judas chegou a trair Jesus com a convicção de que estava fazendo os interesses de Jesus, de segui-lo realmente, ou seguindo-o melhor do os outros.

O que nos salva desta ilusão desviante e que pode ser catastrófica para a nossa vida e vocação, e também para as dos outros? É aqui que devemos meditar sobre os votos que professamos e os compromissos que assumimos. Porquê fazer os votos? Porquê prometer obediência, pobreza, castidade, conversão na vida monástica e estabilidade? Porque os leigos se unem com promessas matrimoniais? Porque todos os fiéis se empenham com as promessas batismais? Deveria ser por uma razão muito simples: sermos guiados a seguir verdadeiramente Cristo e não nós mesmos, para ter a certeza que estamos seguindo o caminho de Cristo e não o nosso, de fazer os interesses de Cristo, a Sua vontade e a do Pai, e não os nossos.

No Capítulo 72 da Regra, São Bento escreve a este respeito: "que ninguém siga o que julga útil para si mesmo [*quod sibi utile iudicat*], mas sim o que é útil para os outros" (RB 72,7).

É antes de tudo uma questão de critério, de discernimento. Claro, o meu interesse parece sempre mais interessante e feliz do que o interesse do outro. No entanto, este sentimento não corresponde a verdade. Fazemos experiência muitas vezes, quando procuramos a todo custo o nosso interesse, prazer e vantagem, e depois sentimos um vazio, tristes, desiludidos, desgostosos de nós mesmos e do que conquistamos. O nosso coração não mente, nos faz sentir a verdade das coisas, da vida, das relações com os outros. Faz-nos sentir que o Evangelho de Cristo, que muitas vezes nos diz o contrário do que parece ser o nosso interesse, tem razão, é o julgamento justo e verdadeiro sobre nós, sobre a vida, que nos faz procurar o nosso verdadeiro interesse. Com o tempo entendemos que se queremos a real felicidade, que é o que deveria nos interessar acima de tudo, precisamos ser ajudados a mudar o nosso pensamento sobre o que é bom para nós e para todos. Precisamos ser ajudados e apoiados para seguir Cristo e o Evangelho, em vez do que parece interessante para nós.

É para isso que servem os votos.